

A ORIGEM DOS OUTROS

TONI MORRISON

A origem dos outros

Seis ensaios sobre racismo e literatura

Tradução Fernanda Abreu

Prefácio Ta-Nehisi Coates



Copyright © 2017 by Toni Morrison
Copyright do prefácio © 2017 by Ta-Nehisi Coates

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Título original

The Origin of Others

Capa

Alceu Chiesorin Nunes

Imagem de capa

Kara Walker, *The Gross Clinician Presents: Pater Gravidam* (detalhe), 2018, grafite, tinta sumi, pigmento gofun e guache sobre papel, 38 desenhos de dimensões variadas. Coleção Kunstmuseum Basel [Museu de Arte de Basileia], Suíça

Preparação

Ana Martini

Revisão

Valquíria Della Pozza

Camila Saraiva

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Morrison, Toni

A origem dos outros : Seis ensaios sobre racismo e literatura / Toni Morrison ; tradução Fernanda Abreu ; prefácio Ta-Nehisi Coates. — 1ª ed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2019.

Título original: The Origin of Others.

ISBN 978-85-359-3285-0

I. Negros — Identidade racial 2. Mulheres e literatura — Estados Unidos — História — Século 20 3. Povos multirraciais — Estados Unidos 4. Raças — Estados Unidos 5. Racismo — Estados Unidos
I. Coates, Ta-Nehisi. II. Título.

19-29620

CDD-305.420973

Índice para catálogo sistemático:

I. Raças : Racismo : Estados Unidos : Relações sociais

305.420973

Maria Alice Ferreira — Bibliotecária — CRB-8/7964

[2019]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

facebook.com/companhiadasletras

instagram.com/companhiadasletras

twitter.com/cialetras

Sumário

Prefácio — Ta-Nehisi Coates, 7

1. Romantizando a escravidão, 21
2. Ser ou tornar-se o estrangeiro, 41
3. O fetiche da cor, 66
4. Configurações de negritude, 82
5. Narrar o outro, 105
6. O lar do estrangeiro, 122

Agradecimentos, 145

Sobre a autora, 147

1. Romantizando a escravidão

Nós ainda brincávamos no chão, minha irmã e eu, de modo que deve ter sido em 1932 ou 1933 que soubemos da sua vinda. Millicent MacTeer, nossa bisavó. Uma lenda muitas vezes citada, ela havia planejado visitar todas as casas de parentes do bairro. Morava no Michigan, onde era uma parteira requisitada. Sua visita a Ohio era esperada havia muito, pois era considerada a sábia, inquestionável e majestosa chefe da nossa família. A majestade ficou patente quando algo que eu jamais havia presenciado antes aconteceu assim que ela adentrou um recinto: sem serem solicitados, todos os homens ficaram de pé.

Finalmente, após uma bateria de visitas a outros parentes, ela surgiu em nossa sala de estar, alta, com as costas eretas, apoiada numa bengala da qual claramente não precisava, e cumprimentou minha mãe. Então olhou para minha irmã e para mim, que brincávamos ou estávamos simplesmente sentadas no chão, franziu o cenho, apontou a bengala para nós e falou: “Essas crianças foram adulteradas”. Minha mãe protestou (com ênfase), mas o estrago estava feito. Minha bisavó tinha a pele negra bem escura, e minha mãe sabia exatamente o que ela quisera dizer: nós, suas filhas, e portanto nossos parentes diretos, éramos maculadas, não éramos puras.

Aprender assim tão cedo (ou ser ensinada quando ainda era incapaz de compreender) os ingredientes de uma inferioridade proveniente do fato de ser Outro não me marcou na época, talvez pelo fato de eu possuir uma

arrogância fora do normal e uma admiração avassaladora por mim mesma. “Adulterada” de início me soou exótico, como se fosse algo desejável. Quando minha mãe contestou a própria avó, ficou claro que “adulterada” significava menor, se não completamente Outra.

Descrições de diferenças culturais, raciais e físicas que denotam “Outremização” mas permanecem imunes às categorias de valor ou status são difíceis de encontrar. Muitas, se não a maioria, das descrições textuais/literárias de raça oscilam entre dissimuladas, nuançadas e pseudocientificamente “provas”. E todas elas possuem justificativas e pretensões de certeza destinadas a sustentar a dominação. Sabemos quais são as estratégias de sobrevivência na natureza: distração/sacrifício para proteger o ninho; caça em bando/busca improvisada por comida.

Porém, a tendência dos humanos de separar aqueles que não pertencem ao nosso clã e

julgá-los como inimigos, como vulneráveis e deficientes que necessitam ser controlados, tem uma longa história que não se limita ao mundo animal nem ao homem pré-histórico. A raça tem sido um parâmetro de diferenciação constante, assim como a riqueza, a classe e o gênero, todos relacionados ao poder e à necessidade de controle.

Basta ler a eugenia do médico e senhor de escravos do sul dos Estados Unidos Samuel Cartwright para entender até onde a ciência, quando não a política, é capaz de ir para documentar a necessidade de controlar o Outro.

“Segundo leis fisiológicas inalteráveis”, ele escreve em seu “Report on the Diseases and Physical Peculiarities of the Negro Race” [Relatório sobre as doenças e peculiaridades físicas da raça negra] (1851), “os negros, via de regra, salvo raras exceções, só podem ter suas faculdades intelectuais despertadas o

suficiente para receberem cultura moral e para se beneficiarem da instrução religiosa ou de outra natureza quando submetidos à autoridade obrigatória do homem branco... Por sua indolência natural, exceto quando submetidos ao estímulo da obrigação, eles passam a vida dormitando uma vez que sua capacidade pulmonar para o ar atmosférico foi expandida somente até a metade por falta de exercício [...] O sangue negro que irriga o cérebro acorrenta a mente à ignorância, à superstição e à barbárie, e fecha a porta para a civilização, a cultura moral e a verdade religiosa." O dr. Cartwright identificou duas enfermidades, uma das quais qualificou de "drapetomania, ou a doença que faz os escravos fugirem". A outra enfermidade foi por ele diagnosticada como "*dysaesthesia aethiopica*", espécie de letargia mental que levava o negro "a ser como uma pessoa meio adormecida" (o que os senhores de escravos

chamavam mais comumente de “pilantragem”). Se esses escravizados constituíam tamanho fardo e ameaça, é de se perguntar por que motivo eram comprados e vendidos com tanto afã. Finalmente ficamos sabendo que vantagem eles têm: “o exercício forçado, tão benéfico para o negro, é realizado na lavoura [...] do algodão, da cana, do arroz e do tabaco que, não fosse essa mão de obra [...], ficaria inculto, e seus produtos perdidos para o mundo. Ambos os lados se beneficiam, tanto o negro quanto o seu senhor”.

Essas observações não eram opiniões casuais. Foram publicadas no periódico *New Orleans Medical and Surgical Journal* [Cadernos de medicina e cirurgia de New Orleans]. Em resumo: negros são úteis, não tanto quanto gado, mas tampouco reconhecidamente humanos.

Diatribes semelhantes foram proferidas por praticamente todos os grupos do mundo,

com ou sem poder, para impor suas crenças por meio da construção de um Outro.

Um dos objetivos do racismo científico é identificar um forasteiro de modo a definir a si mesmo. Outra possibilidade é a manutenção (ou mesmo o gozo) da própria diferença sem desprezo pela diferença categorizada do Outremizado. A literatura é especialmente e evidentemente reveladora ao expor/refletir sobre a definição de si, quer condene ou apoie o modo pelo qual ela é adquirida.

Como uma pessoa se torna racista, ou sexista? Já que ninguém nasce racista, e tampouco existe qualquer predisposição fetal ao sexismo, aprende-se a Outremização não por meio do discurso ou da instrução, mas pelo exemplo.

Devia ser universalmente claro, tanto para quem vendia quanto para quem era vendido, que a escravidão era uma condição desumana, apesar de lucrativa. Os vendedores cer-

tamente não queriam ser escravizados; os comprados muitas vezes cometiam suicídio para evitar o cativeiro. Sendo assim, como funcionava a escravidão? Uma das maneiras de que as nações dispunham para tornar palatável o caráter degradante da escravidão era a força bruta; outra era a romantização.

Em 1750, um jovem inglês de classe abastada, um segundo filho que provavelmente não poderia receber herança devido às leis da primogenitura, partiu para fazer fortuna primeiro como capataz, em seguida como senhor de escravos em sua própria fazenda de cana-de-açúcar na Jamaica. Seu nome era Thomas Thistlewood, e sua vida, seus feitos e pensamentos foram cuidadosamente pesquisados e registrados por Douglas Hall para integrar uma coletânea de textos acadêmicos, a *Série de Estudos Caribenhos da Universidade de Warwick*, publicada pela editora Macmillan e posteriormente republi-

cada pela editora da Universidade das Índias Ocidentais. Além dos comentários de Douglas Hall, esse volume específico contém trechos dos documentos de Thistlewood, e foi publicado em 1987 sob o título *In Miserable Slavery* [Na triste escravidão]. Assim como Samuel Pepys, Thistlewood mantinha um diário minuciosamente detalhado, um diário sem reflexão nem julgamento, somente fatos. Acontecimentos, encontros com outras pessoas, o tempo que fazia, negociações, preços, perdas, tudo o que lhe interessava ou que ele sentia ser digno de registro. Ele não tinha planos de publicar ou compartilhar as informações que registrava. Uma leitura de seu diário revela que, assim como a maioria de seus conterrâneos, Thistlewood tinha um compromisso natural com o *statu quo*. Ele não se questionava sobre a moralidade da escravidão, nem sobre o papel que ele próprio exercia em seu funcionamento. Ele simples-